

*Uma análise*  
Autoritarismo e ~~questão racial~~ racismo na linguagem cotidiana

O poder expressa-se autoritariamente também através da questão racial, do poder da chamada raça branca, que se considera "melhor". O Brasil é uma sociedade profundamente racista. Mas dá impressão de democracia étnica. Isto é pior, pois "democracia étnica" aqui não passa de um mito.

A linguagem também expressa esse racismo, que é autoritário, que é ideológico. Você pergunta a uma pessoa, por exemplo: "Você conhece Maria?" E a pessoa responde: "Conheço, conheço. Maria é pretinha, mas... é formidável!"

Em primeiro lugar, se tenta adocicar com um diminutivo, trocando-se "preta" por "pretinha". E essa tentativa de adocicar é racista.

Quantos de nós, aqui, tem coragem de dizer mesmo: "Eu tenho um amigo negro, uma amiga negra", ou então, "você é negro!" Geralmente a gente esconde a palavra!.

Não sou psicólogo, mas acho que a necessidade de esconder implica um certo sentimento de culpa. E acho que quando <sup>a gente</sup> tem sentimento de culpa diante do negro, da negra, a gente é racista.

Em segundo lugar, além do diminutivo "pretinha", com que se adocica a coisa, a frase referida tem o "mas", a conjunção adversativa. Por que o "mas"?

Ninguém diz: "Conheço fulana. Ela é loirinha, tem lindos olhos azuis, mas..." A gente aprende na escola o que é a conjunção, mas não aprende a ideologia da conjunção, que expressa a questão do poder!

Nos Estados Unidos, observei como os negros são duríssimos com todo branco que chega a eles com sentimento de culpa. Eles o recusam porque o sentimento de culpa revela uma raiz racista. (De uma palestra proferida dia 12 de maio de 1984, no FUC/SP, no curso "Igreja e poder").

TÍTULO:

CAPÍTULO:

LAUDA:

155b

1 formadores do mundo por meio de seu trabalho criador.

2 Resumindo, o desvelamento do mundo dá-se através de uma  
3 leitura semiótica.

#### 4 Machismo e sintaxe

5 Uma das expressões autoritárias do poder no Brasil é o poder do  
6 macho. Eu, é claro, sou homem e confesso que gosto muito de ser. Mas  
7 uma coisa que não aceito é exatamente a exacerbação do poder, é o au-  
8 toritarismo que a ideologia machista expressa nas relações dos homens  
9 com as mulheres neste país.

10 A gente vê essa ideologia se explicitando em tudo. Por exemplo,  
11 a chamada sintaxe de concordância da língua portuguesa é tremendamente  
12 macha. E ninguém me convence que isso é pura sintaxe. Há ideologia por  
13 trás da sintaxe e a linguagem também é ideológica.

14 Por exemplo, tem um milhão de mulheres e um homem e a gente diz:  
15 "Todos vocês". Isso não entra na minha cabeça. Às vezes eu converso com  
16 amigos e digo: "Puxa, como essa sintaxe da gente é macha! Toda concor-  
17 dância se faz no masculino." Então eles vêm com a explicação: "Não, é  
18 que quando a gente diz homem, a gente inclui as mulheres!"

19 Mas se no meio desse papo todo aqui hoje de tarde, eu dissesse  
20 "as mulheres ...", garanto que nenhum dos homens presentes se sentiriam  
21 incluídos. A gente está de tal maneira deformado pela ideologia expressa  
22 expressa nessa linguagem que se eu digo: "Estou convencido de que as  
23 mulheres nesse país deveriam ...", todos os homens ficam em paz, não  
24 assumem nada porque sabem que estou falando delas só e não deles. Mas  
25 se eu disser: "É indiscutível que o homem brasileiro ...", as mulheres  
26 todas acham que estou falando delas.

27 Por quê? Porque ideologicamente já foi dito a elas. E a ideolo-  
28 gia oculta-se sob a linguagem que, por sua vez, oculta relações de po-  
29 der econômico e político. (De uma palestra proferida dia 12 de maio de  
30 1984, na PUC/SP, no curso "Igreja e poder").